

Cultura de Redes Online em Territórios Rurais: Mediações e mídiatizações no semiárido paraibano¹

Alisson Gomes CALLADO²
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN

Resumo

A globalização reconfigurou diversos processos sociais, políticos e econômicos na sociedade contemporânea/pós-moderna. Entre elas, verifica-se um novo paradigma no modelo de produção, circulação e consumo de conteúdos simbólicos infocomunicacionais. O espaço urbano das grandes cidades é marcado pela ubiquidade e locatividade das Tecnologias de Informação e Comunicação. Entretanto, fora destes territórios, verifica-se uma lenta, gradual e emergente ocupação nos territórios rurais por indivíduos, setores e movimentos sociais deste fenômeno caracteristicamente urbano: o ciberespaço. O objetivo deste artigo é mapear e identificar como se processa este fenômeno no semiárido paraibano. Para tal, será realizada uma abordagem teórica sobre mídiatização, culturas híbridas e sociedade em rede, a fim de compreendermos cientificamente algumas características intrínsecas desse novo fenômeno emergente.

Palavras-chave: cultura digital; mídiatizações; socialização online; semiárido; mediações.

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa selecionado pelo PPgEM-UFRN, orientado pelo professor Dr^o Marcelo Bolshaw Gomes, ainda em desenvolvimento, com a perspectiva de discutir o impacto gerado pelas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) fora dos territórios urbanos, operados inicialmente a partir da globalização e suas transformações nas práticas sociais e culturais engendradas em diversos setores da sociedade. O acelerado processo de globalização em conjunto com a facilidade ao acesso às Tecnologias de Informação e Comunicação, popularizou a internet no espaço urbano e trouxe consigo o advento da web 2.0. A aldeia global que se transformou o ciberespaço deu voz e campo de atuação para os sujeitos destituídos de canais comunicacionais,

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Cultura Digital do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Mídia CCHLA-UFRN, email: alisson_gc@hotmail.com.

articulando estratégias contra hegemônicas e pautando um discurso identitário, representativo e afirmativo. “As invenções tecnológicas no campo da comunicação acham aí a sua *forma*: o sentido que vai tomar sua *mediação*, a mutação da materialidade técnica em potencialidade socialmente comunicativa” (MARTIN-BARBERO, 2009, p. 196).

“O desenvolvimento dos meios de comunicação cria *novas* formas de ação e de interação e *novos* tipos de relacionamentos sociais – formas que são bastantes diferentes das que tinham prevalecido durante a maior parte da história humana” (THOMPSON, 2008, p. 77). As TIC's alteraram as relações sociais e reconfiguraram a posição dos sujeitos na sociedade, permitindo que novas demandas políticas e econômicas encontrassem meios de se afirmar, além de vocalizar expressões identitárias até então ocultadas pelos conglomerados de comunicação de massa.

A potencial autonomia do controle infocomunicacional das TIC's possibilita enfraquecer o processo dos meios comunicacionais massivos, comerciais e industriais de emissão e recepção de mensagens, emergindo, paralelamente, o que Castells (2009) denomina de sociedade em rede. O ambiente do ciberespaço possibilita que experiências de compartilhamento de saberes, produção colaborativa através da sociedade em rede, fora de uma linearidade espaço-tempo, possam romper discursos homogeneizantes, pautar os tradicionais meios de comunicação de massa e a opinião pública, e, portanto, tornar o virtual, também, um campo político de disputa e conquista de territórios.

Apesar de não ter sido seu propósito fundamental, a globalização neoliberal intensificou o encontro de culturas, o intercâmbio de civilizações, gerando uma hibridez entre forma e conteúdo, que começa a ganhar contornos minimamente sólidos através de tecnologias voltadas para o uso urbano (as TIC's) em territórios não-urbanos. Desta forma, paulatinamente emergem práticas comunicacionais e produções informativas até então ausentes do espectro da realidade destas sociedades em lidar com criação de conteúdos midiáticos e a sociabilidade interpessoal online.

A sociedade moderna perpassou por algumas etapas de evolução tecnológica no sistema capitalista. Santos (1997) categoriza em cinco etapas e os denomina de paradigmas tecnoeconômicas. São eles: a) primeira mecanização – de 1770 a 1840; b) máquina a vapor e estrada de ferro – 1830 a 1890; c) eletricidade e engenharia pesada – 1880 a 1940; d) produção fordista de massa – 1930 a 1990; e) informação e comunicação – 1980... (p. 139). É possível correlacionar a evolução tecnoeconômica com o

desenvolvimento de outros modelos de comunicação em “seis formas de culturas que coexistem, sobrepõem-se, intercambiam-se e misturam-se inextricavelmente: a cultura oral, a escrita, a impressa, a cultura de massa, das mídias e cibercultural” (SANTAELLA, 2010, p. 133).

Os tradicionais meios de comunicação de massa adentraram a zona rural acompanhados das Tecnologias de Informação e Comunicação. Inseridos no ambiente urbano, é facilmente verificável a influência destes dois elementos no cotidiano, onde os meios massivos, comerciais e industriais – rádio, tv e impressos – estão se adaptando não somente às chamadas narrativas convergentes propiciadas pelo ciberespaço, mas também a novos territórios e territorialidades.

Ocupando cerca de 85% do Nordeste, e caracterizando 86% do território paraibano, a região do semiárido é marcada pela baixa incidência de chuvas, além da grande concentração de terras e dos meios de comunicação por uma pequena elite agrária que controla política e economicamente a região. “Essa situação gera níveis altíssimos de exclusão social e de degradação ambiental e são fatores determinantes da crise socioambiental e econômica vivida na região³” (ASA BRASIL). Durante os últimos 14 anos, o Semiárido passou a conviver com uma mudança de diretrizes na orientação das políticas públicas, ao concentrar suas ações na Convivência com a Seca, em contraste ao Combate à Seca que sempre a caracterizou. Símbolos desta mudança de paradigma são as construções de Cisternas e a presença do Bolsa Família, que possibilitou que milhões de famílias enfrentassem a seca que há mais de 5 anos assola a região, sem o registro de saques a supermercados, o êxodo rural e a fome.

Dentro deste paradigma de reconfigurações de discursos e processos sociais, se inserem as juventudes rurais. Organizados através de coletivos e movimentos sociais, as juventudes rurais solidificam novas formas de expressões afirmativas de identidades. Em Campina Grande ocorre a cada dois anos o Encontro de Jovens Rurais do Semiárido, realizado pelo Projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (Procase), propondo, desta forma, “mobilizar expressões juvenis do campo, fortalecer as pautas da juventude do semiárido nos espaços de participação e no processo de construção

³ ASA BRASIL. Semiárido - é no semiárido que a vida pulsa!. Disponível em: <<http://www.asabrasil.org.br/semiariado>>. Acesso em: 20 de maio de 2016.

das políticas de desenvolvimento territorial, a partir de intercâmbios de experiências concretas desses jovens⁴” (GOVERNO DA PARAIBA, 2016).

O acesso às tecnologias de informação e comunicação, a produção de conteúdo e as práticas sociais já são objetos de investigação por parte dos jovens rurais deste território. O Encontro de Jovens Rurais do Semiárido canalizou em 2016 a preocupação desses sujeitos em debater o ciberespaço, as tecnologias de informação, mídiatizações e processos sociais através de duas palestras: 1) Juventudes rurais, diversidade, novas tecnologias e participação – realidades e potencialidades; e 2) Comunicação: participação, mobilização social e as novas tecnologias. Mais de 300 jovens participaram do Encontro em 2016, oriundos dos 9 estados do Nordeste, para discutir seu papel na sociedade contemporânea. Revelando, portanto, a emergência destes objetos de estudo nos territórios rurais.

A proposta desta pesquisa é analisar como as juventudes do semiárido paraibano, organizados em coletivos e movimentos sociais, nos territórios do Cariri, Seridó e Curimataú, participantes do Encontro de Jovens Rurais do Semiárido, estão inseridas em plataformas de sociabilidade de comunicação interpessoal ao se apropriar das mídias sociais do conglomerado Facebook Inc. (Facebook, Messenger, WhatsApp, Instagram) para as práticas e representações comunicacionais no cotidiano das comunidades rurais e dos movimentos sociais na sociabilidade informativa e midiática que as TIC's potencializam. De imediato, a pesquisa irá realizar um levantamento bibliográfico sobre a constituição de uma esfera pública mídiatizada na sociedade em rede. Para tanto, iremos apontar as contribuições teóricas de Habermas, Hjavard e Castells. Em seguida, abordaremos as interpretações vigentes sobre cultura e suas mediações, para compreender as funções, experiências e formações coletivas de produção, transmissão e recepção de conteúdos simbólicos, através das obras de Canclini, Hall e Martin-Barbero no contexto comunicacional.

⁴ GOVERNO DA PARAÍBA. Governo da Paraíba realizará Encontro de Jovens Rurais do Semiárido entre os dias 28 e 31 de janeiro em Campina Grande. Disponível em: <<http://paraiba.pb.gov.br/governo-da-paraiba-realizara-encontro-de-jovens-rurais-do-semiarido-entre-os-dias-28-e-31-de-janeiro-em-campina-grande/>>. Acesso em: 19 de maio de 2016.

TECNOLOGIA, JUVENTUDE E TERRITÓRIOS

A zona rural foi por muito tempo um espaço desprovido das mais básicas condições humanitárias. Até meados de 2003, mais de 80% das residências não possuíam sequer energia elétrica. Com o programa federal Luz Para Todos, a implantação da rede elétrica criou novas possibilidades de comunicação no campo e o acesso às novas mídias nos lares das famílias alterou de forma consistente o cotidiano rural (BARROSO, 2015). Com a introdução de novos meios, o consumo midiático dentro destes espaços diversificou e originou demandas para a efetivação de políticas públicas.

O debate sobre as TIC's nos territórios rurais intensificou-se nos últimos anos, ao desvelar uma preocupação emergente destes sujeitos em se inserirem dentro do ciberespaço. Em documento elaborado no I Seminário Nacional “Juventude Rural e Políticas Públicas”, surge, entre suas propostas, a “extensão do Programa Nacional de Banda Larga (PNBL) para o campo, com a construção e melhoria de telecentros em todas as escolas do campo, com monitoria dos jovens da própria comunidade” (MENEZES, STROPASOLAS e BARCELLOS, 2014, p. 99). Esta demanda se soma a um levantamento realizado em 2013 pelo Centro de Estudos sobre as Tecnologias de Informação e Comunicação, na qual revela que 77% da população da zona rural nunca havia acessado a internet até então.⁵

Ao invés de acompanhar a universalização do programa governamental Luz Para Todos, o poder público negligenciou a concretização de políticas públicas de expansão da Banda Larga fora dos grandes centros urbanos. Desta forma, tornou restrito a prática de “navegar na web” nos territórios rurais, relegando às TIC's um caráter de usabilidade urbana. Novamente, a estagnação/esterilização desenvolvimentista como horizonte político se impôs. Entretanto, em meios às intempéries, práticas sociais estratégicas emergem neste modo singular de se apropriar destas tecnologias de caráter urbano.

Analisar como os sujeitos que participaram do Encontro de Jovens Rurais do Semiárido estão desenvolvendo uma ecologia no ciberespaço dos territórios rurais permitiria acompanhar um fenômeno comunicacional emergente em execução presente. Fora do urbano, em que as tecnologias apresentam possibilidades potencializadoras de difusão e alcance informativo-comunicacional bem mais amplo.

⁵ SECRETARIA NACIONAL DE JUVENTUDE. Os desafios de jovens que vivem no meio rural. Disponível em: <http://juventude.gov.br/juventuderural/inicial/os-desafios-de-jovens-que-vivem-no-meio-rural#.V07Yj_krLIX>. Acesso em: 15 de maio de 2016.

A importância desta pesquisa dentro de um território sem atrativo para o campo da comunicação-tecnologia-mídia, verifica-se na preocupação demonstrada pelas juventudes rurais têm em relação ao ciberespaço e suas mídiatizações, como apresentado na programação do Encontro de Jovens Rurais. Acompanhar esse desenvolvimento de cultura de redes, mídiatizações e mediações em ambiências não-urbanas tem possibilidade de contribuir na compreensão dos usos e apropriações tecnológicas em outros territórios de pouca atenção manifestada pela ciência, como quilombolas e indígenas.

Delimitar a pesquisa na zona de atuação do Procace é essencial para a perspectiva que este programa governamental cria nos territórios do Cariri, Seridó e Curimataú paraibano, ao atuar com o objetivo de executar projetos de desenvolvimento social e econômico, principalmente em relação às mulheres, comunidades quilombolas e juventudes rurais. Os célebres levantes protagonizadas pelas juventudes europeias (15-M), árabes (Primavera Árabe), estadunidense (Occupy Wall Street) e brasileira (Jornadas de Junho) na segunda década do século XXI expõe como esses sujeitos articulam-se por meio de uma cultura de relações sociais complexas e criativas nas redes do ciberespaço.

O jovem rural é outro sujeito – inclusive dentro de seu próprio cotidiano – alvo de taxações simbólicas. Em sua pesquisa sobre os efeitos de tais estigmas, Castro (2009) aponta o problema da migração e o desinteresse do jovem pelo meio rural, em especial pela agricultura. Imobilizado socialmente pela estrutura familiar que o cerca, sem direito a voz em decisões coletivas e inseguro em relação à garantia de um pedaço de terra próprio no futuro, relega ao jovem um papel secundário na construção social de sua ambiência.

A realidade dos movimentos sociais do campo, que em sua luta contra o modelo hegemônico da globalização – político, ecológico, econômico e social – é alvo preferencial de ataques da mídia de massa hegemônica. Sem possuírem os mesmos meios para se defenderem, usam as poucas ferramentas disponíveis: rádios comunitárias – quando há espaço; jornais eclesiais de base; e, atualmente, o ciberespaço – através de blogs, páginas nas redes sociais e grupos em comunidades virtuais. Se apropriam do ciberespaço pois “oferece condições para uma comunicação direta, interativa e coletiva” (LÉVY, 2008, p. 246). Sem necessidades de um intermediário ou gatekeeper, possibilidades de reconstrução de sua realidade social são possíveis. “Desse modo, (...)”

temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação” (ORLANDI, 2013, p. 21).

Contemporaneamente, é indissociável pensar juventude e ciberespaço. A hibridização destes elementos fragilizou fenômenos paradigmáticos e abriu novas frentes de pesquisa em diversas campos de estudo – entre eles, político, econômico e cultural. Novos fenômenos socioculturais estão em visível ascensão.

DA ESFERA PÚBLICA À SOCIEDADE MUDIATIZADA

O desenvolvimento da sociedade moderna no contexto da Europa industrial capitalista de consolidação hegemônica dos valores éticos da burguesia, em meados do século XIX, acompanhou a configuração de uma nova esfera pública distinta de outras culturas que forjaram o escopo ideológico da modernidade, a exemplo dos gregos e romanos, no campo filosófico e legalista (THOMPSON, 2010). O pensamento moderno, além de romper com a estrutura medieval submissa aos ditames da Igreja Católica, marcada pela religiosidade supersticiosa em detrimento ao racionalismo cientificista, apresentou um novo sujeito, o burguês, e instituiu um novo modelo de participação da/*na pólis*.

A irreversível industrialização das sociedades modernas consolidou o método de produção e acumulação capitalista, ao impactar relações sociais e reconfigurar uma hierarquização de classes, forjando, em contrapartida, outro sujeito, o proletário, destituindo dos meios de produção e das ferramentas que possibilitariam sua autonomia e soberania em relação ao burguês. A partir das metrópoles, com o surgimento da imprensa, pontos de encontro entre os setores burgueses da sociedade tornam-se espaços de debates, em que assuntos centrais eram lidos e discutidos entre os sujeitos de ocasião, refletindo os humores de classe e servindo de termômetro para a execução de determinadas ações políticas por parte do Estado, no que mais tarde seria denominado de opinião pública (LIPPMANN, 2008)

Ao dissecar estes movimentos da classe burguesa, Habermas (2003) desvelou a formação e mudança estrutural da esfera pública, agora concentrada em cafés e *saloons*. A hegemonia da cultura letrada, a consequente exclusão da massa dos assuntos da *pólis*, a emergência de uma sociedade civil, a divisão entre público e privado, o caráter patriarcal, a gestação de uma imprensa advogando liberdade de expressão como princípio máximo, entre outros. A retórica argumentativa racional era a principal arma de confronto para o convencimento.

O declínio deste modelo de esfera pública burguesa se acentua a medida que gradualmente começa a evoluir uma imprensa organizada, com objetivos financeiros e imperialistas, em um complexo industrial e massivo, principalmente a partir do desenvolvimento tecnológico que conseguiu captar ondas sonoras e as transformou em sinais audiovisuais de longo alcance. A imprensa torna-se uma instituição midiática, incluindo em suas redes de comunicação a massa iletrada, composta amplamente por camponeses e operários. O apego a forma, em detrimento ao conteúdo, fundamentou uma nova concepção crítica partindo da Escola de Frankfurt ao denunciar o caráter alienante que as ondas de difusão da mídia de massa, denominado por eles de indústria cultural, ao submeter os receptores a conteúdos padronizados de pouca valia, restringindo a participação na *pólis* a ações cosméticas com fins notadamente mercantilistas. Para Hockheimer e Adorno (2002):

A verdade, cujo nome real é negócio, serve-lhes de ideologia. Esta deverá legitimar os refugos que de propósito produzem. Filme e rádio se autodefinem como indústrias, e as cifras publicadas dos rendimentos de seus diretores-gerais tiram qualquer dúvida sobre a necessidade social de seus produtos. Os interessados adoram explicar a indústria cultural em termos tecnológicos (HOCKHEIMER, ADORNO, 2002, p. 169).

De mesmo modo que o desenvolvimento do capitalismo industrial fomentou o surgimento de um modelo até então inédito de esfera pública, a gradual hegemonia do conceito contemporâneo de Globalização em união com o desenvolvimento tecnológico forjado nos complexos militares industriais das potências imperialistas do século XX, Estados Unidos e União Soviética, propiciou os meios fundamentais para a emergência de uma nova esfera pública em um novo modelo de sociedade, localizada não mais nos territórios físico-materiais, e sim no território virtual do ciberespaço, consolidado massivamente no século XXI.

Construída sob uma arquitetura de redes distribuída, a internet foi concebida como um modelo estrutural que potencializasse a circulação da informação de forma independente e horizontal entre os nós conectivos que compõe o ciberespaço. Os objetivos desta arquitetura em rede eram estritamente de defesa militar. A partir do degelo da Guerra Fria, gradativamente o complexo militar industrial abriu mão de suas pesquisas, e o mercado apropriou-se mercantilmente dessas tecnologias, ao popularizar a internet entre os cidadãos. Está formada a base para a sociedade em rede, como denomina Castells (2009), sob uma nova ordem econômica e social, gestada sob uma revolução tecnológica.

Saímos da Galáxia Gutemberg e entramos na Galáxia Internet, a Aldeia Global preconizada por McLuhann (2007). Com a web 2.0, consolida-se uma nova esfera pública conectada, potencializando a capacidade da sociedade civil de manifestar-se na *pólis*, além de apresentar novas discussões sobre a dicotomia entre o público e privado (MARTINO, 2015).

Passamos a estar nas redes, habitamos este espaço, onde nos relacionamos e comunicamos (DI FELICE, 2013). As barreiras de espaço-tempo são diluídas, aos modelos funcionalistas de comunicação é acrescentado uma nova característica, as tecnologias convergentes massificam-se, e o viver cotidiano é adaptado para as peculiaridades deste novo modo de estar na sociedade em redes. Teóricos da comunicação condicionam o tempo histórico que habitamos ao que se denomina de *mediatização*. Por *mediatização*, utilizamos aqui a definição de Hjarvard (2012):

Por *mediatização* da sociedade, entendemos o processo pelo qual a sociedade, em um grau cada vez maior, está submetida a ou torna-se dependente da mídia e de sua lógica. Esse processo é caracterizado por uma dualidade em que os meios de comunicação passaram a estar integrados às operações de outras instituições sociais ao mesmo tempo em que também adquiriram o status de instituições sociais em pleno direito. Como consequência, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral – acontece através dos meios de comunicação (HJARVARD, 2012, p. 64).

O que Hjarvard quer dizer sob lógica da mídia é que “como resultado, a interação social – dentro das respectivas instituições, entre instituições e na sociedade em geral – ocorre cada vez mais sob a influência da mídia” (2014, p. 26). A operação dos espaços na sociedade contemporânea é regida pela *mediatização*, explica Sodré (2009). Em outras palavras, “pela tendência a ‘virtualização’ ou *telerrealização* das relações humanas, presente na articulação do múltiplo funcionamento institucional e de determinadas pautas individuais de conduta com as tecnologias da comunicação” (SODRÉ, 2009, p. 21). É preciso compreender a *mediatização* dentro de uma nova ambiência a partir dos dispositivos de comunicação e *mediáticos*, e os processos sociais em geral: “os acoplamentos e operações dos dispositivos incidem sobre os processos sociais em geral, incluindo as ações e interações, ao mesmo tempo em que são afetados por estratégias e apropriações constituídas em outras esferas do social” (FERREIRA, 2009, online).

MEDIAÇÕES CULTURAIS

Em seu ensaio sobre a cultura, Burke (2008) analisa os percalços que a história cultural atravessou nos círculos acadêmicos como um meio de encontrar uma resposta a si mesmo: o que a define? Por quais métodos podemos discuti-la? Função social, experiência herdada ou conjunto de significados simbólicos? As perguntas são constantes, as interpretações diversas e os elementos que a compõe dependem de um conjunto de fatores autorais, espaciais e temporais. Partindo de uma construção geral, atualmente a história cultural se fragmentou em múltiplas tendências, tornando-a um campo multidisciplinar e interdisciplinar, onde a antropologia, a sociologia, e a geografia contribuíram para o seu desenvolvimento, impasses e contradições, enriquecendo suas possibilidades de discussões.

A emergência das análises marxistas retirou das elites o protagonismo sobre a condução narrativa da história, projetando o povo e as culturas populares na condução histórica social. Paralelamente, desvela-se uma produção voltada para compreender costumes, hábitos e moradias do imaginário social, compondo um novo habitat de pesquisas sobre as classes, gêneros e a hegemonia cultural. Nesta perspectiva, a produção, construção e invenção das tradições e valores sociais marcam o campo teórico, ensejando revisões metodológicas e apresentando novos meios de entender a sociedade a partir de análises sobre o sujeito Outro, o teatro performático das instituições e as possibilidades de rejeição e encontros culturais.

A peculiar formação do sujeito latino-americano também está intrinsecamente ligada à Globalização e suas formas posteriores de dominação de território, especificamente a colonização e o imperialismo, forjando o que Darcy Ribeiro (2006) denominou de ‘o povo novo’. Para ele, este povo novo é um sujeito dotado de imensa potencialidade criativa, possuindo dentro de si a resposta para superação do atraso e subdesenvolvimento a qual fomos submetidos pela metrópole e na qual as elites nacionais herdaram o projeto de nação. A união das três raças – o índio, o negro e o europeu – configurou um novo sujeito, mestiço, híbrido, antropofágico. Capaz de engolir a cultura exógena, digeri-la, para em seguida expeli-la completamente reconfigurada e dotada de uma identidade própria, autônoma e soberana. É nesta capacidade de digestão que Canclini (2008) aponta seu eixo teórico ao focalizar em suas obras como o consumo de formas simbólicas é constituído e formatado nas culturas populares urbanas e rurais nas periferias do capitalismo.

Tradicionalmente, toda a produção e contextualização simbólica que parte dos territórios rurais é encarada como inerente às culturas populares, em oposição à cultura clássica burguesa e entremeada pela cultura de massa urbana-operária. Canclini (1982) observa que a definição das culturas populares, como algo folclórico, primitivo, partiu das sociedades industriais, do etnocentrismo classificatório para lembrar a estes sujeitos quem eles são. “É o uso e não a origem, a posição e a capacidade de suscitar práticas ou representações populares, que confere essa identidade” (p. 135).

É por investigar os usos, apropriações e ressignificações dos objetos midiáticos por parte das classes populares urbanas e camponesas que Martin-Barbero (2009) construiu o conceito de mediações, ao interpretar a produção de sentidos e decodificar práticas sociais a partir da emergência dos meios de massa. A comunicação a partir da cultura. Ao incorporar contextos de construções identitárias, Martin-Barbero percebeu como os processos de nacionalizações e transnacionalizações dos estados operam no conjunto semiótico da compreensão de sua natureza informativa, sobre os três lugares de mediação: cotidianidade familiar, temporalidade social e competência cultural.

O gradativo desenvolvimento da Globalização até seu estágio contemporâneo neoliberal, aprofundou uma força centrípeta de homogeneização não mais da ética da classe dominante, como também de suas práticas sociais. A padronização dos objetos mercadorias da indústria cultural para a padronização do cotidiano familiar, da temporalidade social e competência cultural. Entretanto, o objetivo neoliberal não está concluso. Focos de resistências locais ainda emergem de diferentes perspectivas globais. Organizam-se através de redes informáticas no ciberespaço, movidos por uma teia de interesses difusos e concretos. Sem mais a perspectiva de tomar o poder, porém, de conquistar corações e mentes. Castells problematiza a questão da internet como um elemento que “através deles que conseguem alcançar aqueles capazes de aderir aos seus valores e, a partir daí, atingir a consciência da sociedade como um todo” (2003, p. 118).

A processo de produção e circulação de bens simbólicos é ressignificado e recodificado antes de ser transmitido. E para tanto, reapropriam suas funções, adaptando-as às suas práticas sociais. Um choque de civilizações ou, na denominação de Canclini (2008), de culturas híbridas, como estratégia para superar o modelo padronizante da modernidade. Com a mesma força que a modernidade logrou alcançar com sucesso, em grande parte da sociedade ocidental, a infusão de sua ética, a mesma apresenta desgaste em continuar a agir como o motor da história.

“As identidades estão sujeitas a uma historicização radical, estando constantemente em processo de mudança e transformação” (HALL, 2000, p. 108). A diluição das identidades na sociedade pós-moderna explicitou um sujeito em crise, desterritorializado e em constante ressignificação. As crises de identidades, o modelo de representação político e as migrações causam choques, conflitos e guerras sociais no circuito nervoso do sistema. Este espírito de resistência está presente na sociedade em redes. Herdeira da cultura hacker que forjou a estrutura e arquitetura aberta e participativa da internet, os interagentes (PRIMO, 2007) das sociedades em rede manifestam em seus atos a criatividade, a astúcia e rebeldia características dos hackers, em maior ou menor escala, seja para difundir opiniões contrahegemônicas e construir propostas alternativas de sociedade ou usufruir de elementos simbólicos tecnológicos/artísticos.

Nesta ambiência Levy (2008) pensa a cibercultura como suporte da inteligência coletiva. O não-local de encontro no ciberespaço. Lemos (2007) afirma que “as práticas contemporâneas ligadas às tecnologias da cibercultura têm configurado a cultura contemporânea como uma cultura da mobilidade” (p. 04). Com o barateamento e a conseqüente popularização e massificação destes dispositivos móveis, foi possível o ciberespaço alcançar espaços não-urbanos da sociedade, mesmo com dificuldades de alcance técnico, tais práticas virtuais já são realidades e contam com o desenvolvimento de políticas públicas para sua consolidação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ainda em estágio inicial, a pesquisa desenvolve como hipótese que a midiatização em sociedade em rede dos territórios rurais irá sofrer resistências de setores dominantes para impedir não somente a distribuição agrária, como também a consolidação de uma rede telemática distribuída de acesso ao ciberespaço. Esta hipótese é sustentada pela pouca importância que os governos progressistas priorizaram na expansão da rede de banda larga. Mais atrelado às forças do agronegócio, os setores conversadores e neoliberais que agora ocupam os postos de poder coadunam com a ideologia dominante de consolidar o setor rural como espaço do agronegócio, estimulando a migração de jovens de famílias de pequenos agricultores para o espaço urbano. Em resposta a esta ação, ocorrem as articulações nas redes sociais online. Para alcançar um resultado à esta hipótese, posteriormente será usada como base de pesquisa os participantes do Encontro de Jovens Rurais do Semiárido, realizado em Campina Grande.

A pesquisa exploratória irá valer-se do Hermenêutica da Profundidade e a interpretação da doxa (THOMPSON, 2011) para evidenciar causas e consequências de midiatisações nos territórios rurais. Ao focalizar a análise da produção, transmissão e recepção de conteúdos simbólicos, criam-se a possibilidade de gerenciar as molas da hermenêutica para jogar luzes à interação social. As três fases da HP podem ser descritas como a) análise sócio-histórica; b) análise formal ou discursiva; c) interpretação/reinterpretação. Thompson (2011) defende esta metodologia pois

fornece como que um esquema intelectual que nos possibilita ver como as formas simbólicas podem ser analisadas sistemática e apropriadamente – isto é, de uma maneira que faça justiça ao seu caráter de construtos situados social e historicamente, que apresentam uma estrutura articulada através de algo que é representado ou dito (THOMPSON, 2011, p. 376-377).

A pesquisa irá recorrer a recortes de escolaridade (ensino superior e incompleto), gênero (masculino, feminino), etnia (negros, pardos, brancos, amarelos), orientação sexual (heterossexual, LGBT), povos e comunidades tradicionais (quilombolas e indígenas) para compor uma diversificada gama de sujeitos, tornando-o mais representativo possível o alcance etnográfico. Os territórios pesquisados serão aqueles que contemplam a área de atuação do Procace – responsável pela realização do Encontro – no Cariri, Seridó e Curimataú. Apesar do Estatuto da Juventude, em seu art 1º, § 1º, entender como jovens os indivíduos entre 15 e 29 anos (PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA, 2013, p. 5), o projeto de pesquisa irá focar sua abordagem com indivíduos maiores de 18 anos, onde serão selecionados, a partir da ficha de inscrição do Encontro, uma amostra entre 10 e 20 sujeitos fundamentais para a caracterização da pesquisa, de acordo com os recortes estipulados.

Para tanto, será necessário previamente contatar estas juventudes para verificar a autorização de realização da pesquisa, através de uma abordagem qualitativa em que será possível interpretar e compreender os fenômenos subjetivos que irão ser revelados. Pesquisa de campo, com entrevista e aplicação de questionários para coleta de dados, são outros elementos essenciais. Abordar uma pesquisa etnográfica virtual e acompanhamento das atividades no ciberespaço. Com isto, será possível qualificar os discursos e representações, para fins de avaliar as apropriações mediadas da cultura e comunicação.

REFERÊNCIAS

BARROSO, L. M. As Novas Possibilidades de Comunicação no Campo a partir a instalação do Programa “Luz para Todos”: o acesso a novas mídias e a reconfiguração do cotidiano na zona rural do Piauí. **Temática**, João Pessoa, PB, v. 11, n. 12, dezembro 2015. Disponível em: <<http://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/tematica/article/view/27020>>. Acesso em: 15 Abril 2016.

BURKE, P. **O que é História Cultural?** 2ª edição. Rio de Janeiro-RJ: Zahar, 2008.

CANCLINI, N. G. **As Culturas Populares no Capitalismo**. São Paulo-SP: Editora Brasiliense, 1982.

CANCLINI, N. G. **Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. São Paulo-SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

CASTELLS, M. **A Galáxia da Internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 2003.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.

CASTRO, E. G. D. Juventude Rural no Brasil: processos de exclusão e a construção de um ator político. **Revista Latinoamericana de Ciências Sociais**, v. 7, n. 1, janeiro à junho 2009. Disponível em: <http://www.scielo.org.co/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1692-715X2009000100008>. Acesso em: 07 Abril 2016.

DI FELICE, M. **Ser Redes: o formismo digital dos movimentos net-ativistas**. **MATRIZES**. São Paulo, SP, ano 7, n. 2, julho/dezembro 2013. Disponível em: <www.revistas.usp.br/matrizes/article/viewFile/69406/71974>. Acesso em: 06 de junho de 2017.

FERREIRA, J. In: **IHU Online**. Dispositivos midiáticos e processos sociais: um debate sobre a midiaticização. Disponível em: <<http://www.ihuonline.unisinos.br/artigo/2478-jairo-ferreira>>. Acesso em 15 de agosto de 2016.

HABERMAS, J. **Mudança Estrutural da Esfera Pública: Investigações quanto a uma categoria da sociedade burguesa**. 2ª. ed. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2003.

HALL, S. Quem precisa da Identidade? In: SILVA, T. T. da (org.). **Identidade e Diferença: A perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

HJARVARD, S. Midiaticização: teorizando a mídia como agente de mudança social e cultural. **MATRIZES**, São Paulo, SP, v. 5, n. 2, janeiro/junho 2012. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/338>>. Acesso em: 27 Fevereiro 2016.

HJARVARD, S. Midiaticização: conceituando a mudança social e cultural. **MATRIZES**, São Paulo, SP, v. 8, n. 1, janeiro/junho 2014. Disponível em: <<http://www.matrizes.usp.br/index.php/matrizes/article/view/338>>. Acesso em: 16 de junho de 2017.

HORKHEIMER, Max & ADORNO, Theodor. **A indústria cultural**: o iluminismo como mistificação de massas. Pp. 169 a 214. In: LIMA, Luiz Costa. Teoria da cultura de massa. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

LEMOS, A. Cidade e Mobilidade. Telefones celulares, funções pós-massivas e territórios informacionais. **MATRIZES**, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 121-137, outubro 2007. ISSN 1982-2073.

LÉVY, P. **Cibercultura**. 2ª Edição. ed. São Paulo: Editora 34, 2008.

LIPPMAN, W. **Opinião Pública**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2008.

MARTIN-BARBERO, J. **Dos Meios às Mediações – comunicação, cultura e hegemonia**. 6ª. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2009.

MARTINO, L. M. S. **Teoria das Mídias Digitais**: linguagens, ambientes, redes. 2ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2015.

MCLUHAN, Marshall. **Os Meios de Comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 2007.

MENEZES, M. A. D.; STROPASOLAS, V. L.; BARCELLOS, S. B. **Juventude Rural e Políticas Públicas no Brasil**. Brasília: Presidência da República, 2014.

ORLANDI, E. P. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 11ª. ed. Campinas, SP: Pontes, 2013.

PRESIDÊNCIA DA REPÚBLICA. **Estatuto da Juventude**. Brasília: [s.n.], 2013.

PRIMO, A. **O aspecto relacional das interações na Web 2.0**. E-Compós, Brasília, v. 9, p. 1-21, 2007.

RIBEIRO, D. **O Povo Brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo-SP: Companhia de Bolso, 2006.

SANTAELLA, L. **A Ecologia Pluralista da Comunicação**: conectividade, mobilidade, ubiquidade. São Paulo: Paulus, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

SODRÉ, M. **Antropologia do Espelho – uma teoria da comunicação linear e em rede**. 4ª. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade – uma teoria social da mídia**. 10ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

THOMPSON, J. B. Fronteiras Cambiantes da Vida Pública e Privada. **MATRIZES**. São Paulo-SP, ano 4, n. 1, julho/dezembro 2010. Disponível em:
<<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/MATRIZES/article/viewArticle/7436>>.
Acesso em: 01 de junho de 2017.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e Cultura Moderna**: teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. 9ª ed. Petrópolis-RJ: Vozes, 2011.